

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### SIMENON

NENHUM escritor me dá uma lembrança tão viva de Paris como Simenon, autor de novelas policiais. Não a Paris dos turistas e boêmios, mas a do francês comum, da "concierge" e do dono de "bistrô", do funcionário público e da senhora de meia-idade.

Mas o livro de Simenon que leio neste último fim-de-semana tem sua ação em uma aldeia. É uma França que só conheço de passagem ou de literatura, essa França miúda de província, com sua vida monótona e sufocante. Chove em Petrópolis, faz um frio agudo, e estou com um pouco de febre. Lá fora, atrás da vidraça, as grandes árvores se mexem ao vento, reluzentes de água. Leio um pouco e durmo; sonho que estou na aldeiazinha entre bêbedos de mau caráter, a agente dos Correios que lia, e às vezes guardava, as cartas que contavam segredos feios das famílias, o menino sacristão que prestou falso testemunho; sofro uma vida triste, de angústia mesquinha...

Domingo à noite, quando descemos, temos a fantasia de vir pela estrada nova. É uma beleza, de curvas suaves, larga, bonita — estrada para turista rico estrear mulher e carro novos. Descemos fagueiríssimos — mas de súbito estamos atolados em um lamaçal, na escuridão. Temos sorte de conseguir voltar até Petrópolis, depois de já estarmos praticamente na Raiz da Serra. Assim mesmo o dono do carro pragueja porque não havia nenhum aviso dizendo que a estrada estava impedida, não dava passagem. Mostro uma placa: "trânsito proibido". E ele, bom brasileiro: "mas proibido é convite..."

Descemos outra vez. A noite vai-se limpando, chegamos à baixada com estrélas e lua — um crescente lindo na noite de inverno carioca. Quando entramos na Avenida Beira-Mar tenho como sempre um certo sentimento de alegria de estar voltando ao Rio — como se tivesse feito uma longa viagem. Passei apenas dois dias fora. Mas na verdade estive longe, em uma pequena aldeia francesa onde eu me sentia estranho e ouvia, ao passar, os murmúrios maldosos das velhas que me detestavam, dos homens que começavam a ter ódio de mim — eu, pobre inspetor Maigret...